



FILOSOFIA DIONISÍACA: NIETZSCHE E A MORAL NOBRE

GARCIA, Naillê de Moraes¹; ARALDI, Clademir Luís².

^{1,2}Deptº de Filosofia – ISP/UFPel
Rua Alberto Rosa, 154 - CEP 96010-700. tiny.naille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No último capítulo de sua obra *Além do Bem e do Mal*, intitulado *O que é nobre?*, Friedrich Nietzsche irá tratar do significado da nobreza e do possível surgimento de um novo tipo de homem, um homem mais elevado, o homem nobre. Além disso, introduzirá o conceito de filosofia dionisíaca, que marca a filosofia madura de Nietzsche.

Este trabalho pretende analisar os dois tipos de moral, a moral de escravos e a moral dos senhores, principalmente esta última, que é defendida por Nietzsche como a moral do homem nobre. Também pretende-se buscar os fundamentos que levam o filósofo a criar uma filosofia dionisíaca, e o que caracteriza a mesma.

Assim, a partir disso, chega-se à relação entre a moral do homem nobre e a filosofia dionisíaca, isto é, a criação de valores e afirmação do humano.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa centrou-se na leitura, análise e discussão de textos de Friedrich Nietzsche, tendo como ponto central a obra *Além do Bem e do Mal*. Além disso, foi bastante importante a leitura de comentadores nietzschianos, como Oswaldo Giacóia Jr., Vânia Dutra de Azereddo, Scarlett Marton, entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Nietzsche, não existe uma moral, mas muitas morais. Porém, existem dois tipos básicos: a moral dos senhores e a moral de escravos. Esses dois tipos de moral estão estreitamente ligados à vontade de poder.

Na moral dos senhores, a oposição “bom” e “ruim” tem o mesmo significado que “nobre” e “desprezível”. O homem nobre despreza o covarde, o medroso, o mesquinho, o que pensa na estreita utilidade; em geral, o homem nobre despreza tudo o que é contrário de si mesmo; sente reverência pela idade e pela origem; não foi feito para a compaixão e tem orgulho disso. Para o nobre, apenas existem deveres para com seus semelhantes, pois para com os seres inferiores, podem agir “além do bem e do mal”.

Já a moral dos escravos é a moral da utilidade. Daqui originou-se a oposição “bom” e “mau”, onde o mau desperta medo. Para o escravo, o um homem bom é um homem inofensivo, de boa índole, fácil de enganar.

O que diferencia a moral dos senhores da moral dos escravos é a vontade de potência afirmativa. Na moral dos escravos, contrariamente, a vontade de poder é negativa. Como explica Nietzsche, a moral dos escravos nasce como uma reação à moral nobre, sendo que haverá uma inversão de valores, o “bom” do nobre se torna o “mau” do escravo, tanto quanto o “ruim” do nobre será o “bom” para o escravo.

Assim, o tipo nobre é aquele que cria valores, e o tipo escravo é o que inverte os valores nobres, determinando, então, um novo tipo de moral, uma moral da vontade decadente, uma moral do ressentimento.

Nietzsche critica, então, a moral atual, onde apenas uma espécie sobrevive, os medíocres, que darão origem à *moral de rebanho*. O ideal seria a sociedade aristocrática, que possui como fundamento a hierarquia.

Sendo a moral dos senhores fundamentada pelos valores nobres, a moral dos escravos será uma reação àquele tipo de moral, fazendo uma inversão de valores. Dessa forma, a moral dos escravos será a precursora da moral de rebanho, pois se fundamenta no medo e na generalização.

A alma nobre é essencialmente egoísta, e aceita esse fato sem questionar, como se fosse algo primordial e, se fosse dar um nome, seria “a justiça mesma”. Assim, Nietzsche enumera três sinais de nobreza: 1. não pensar em rebaixar nossos deveres a deveres de todos; 2. não querer ceder ou compartilhar a própria responsabilidade; 3. contar como deveres os privilégios e o exercício deles.

Outro fator entendido por Nietzsche como próprio do nobre é o talento para o sofrimento, pois o sofrimento é enobrecedor e, segundo o filósofo, a hierarquia é quase determinada pelo *grau de sofrimento* a que se pode chegar.

Existem, porém, formas de disfarce, que muitas vezes se fazem necessárias: o epicurismo, que não leva a sério o sofrimento; a jovialidade, dos que querem ser mal entendidos; a ciência, que quer induzir a uma falsa conclusão; e a loucura, que é a forma mais extrema de disfarce. Nietzsche afirma que é necessário ter reverência diante da máscara.

Há homens que inevitavelmente possuem espírito, e uma das formas de ocultar isso é através do entusiasmo e do que faz parte dele, como a virtude. Ou seja, a virtude e o entusiasmo fazem parte do disfarce, da máscara.

Segundo Nietzsche, a alma nobre tem mais possibilidade de sofrer com injúrias e perdas do que a alma mais baixa, pois suas condições de vida são mais complexas. Dessa forma, o nobre deve viver com imensa e orgulhosa calma, e conservar suas fachadas. Mesmo assim, continuar senhores de suas quatro virtudes: coragem, perspicácia, simpatia, solidão.

Nietzsche então se pergunta sobre o que é nobre em seu tempo, e responde que não são as obras nem os atos que tornam um homem nobre, mas a fé que estabelece a hierarquia. É a certeza e a reverência que a alma nobre tem por si mesma. Segundo Nietzsche, é o *instinto de reverência* que mostra o valor de uma pessoa e sua categoria elevada.

Nietzsche propõe a idéia de um tipo superior de homem, o homem com valores nobres, o que significa que possui o poder de criar seus próprios valores. Essa idéia de homem como criador de valores traz a idéia de um tipo de divinização do próprio homem, pois este vira o único ser afirmador e criador.

Nietzsche, tanto no §295 de *Além do Bem e do Mal* quanto no §2 do prólogo de *Ecce Homo*, se afirma como discípulo do filósofo Dionísio. Anteriormente, em *O Nascimento da Tragédia*, o filósofo trata Dionísio como o deus da embriaguez, o princípio subjetivo que se manifesta na música e, juntamente com Apolo, o deus da beleza, forma a arte trágica. Anos após, Nietzsche trata Dionísio como filósofo e

afirma haver uma filosofia dionisíaca. E essa relação do deus Dionísio com a filosofia traz de volta a ligação de Nietzsche com a estética, ligação tal que havia sido aparentemente cortada após *O Nascimento da Tragédia*, mas que nunca abandonou em sua escrita.

Porém, para que exista essa relação entre estética e filosofia é preciso que haja uma inversão, o instinto deve ser valorizado e afirmado, e o que vai contra os impulsos naturais deve ser negado. Nietzsche afirma o humano, a própria natureza humana sem mudanças ou distinções.

Na filosofia dionisíaca, o homem nobre é capaz de criar novos valores, de criar a si mesmo. Assim, o homem nobre é o homem afirmativo, que vive a própria filosofia dionisíaca.

A filosofia dionisíaca é a filosofia afirmativa, do homem afirmativo. Esse é o significado do deus Dionísio, ele era o deus que mais afirmava a humanidade, os instintos e os afetos humanos.

A proposta de Nietzsche é a destruição dos valores antigos e a criação de novos valores com novas bases, ou seja, a transvaloração de todos os valores.

4. CONCLUSÕES

A partir do que foi exposto, conclui-se que o tipo nobre, originado de valores aristocráticos, é o tipo criador de valores, enquanto o tipo escravo apenas inverte os valores nobres para criar um outro tipo de moral. A vontade de potência é afirmativa no homem nobre, e negativa no escravo.

Ao anunciar uma filosofia do deus Dionísio, agora tomado como filósofo, Nietzsche pretende construir uma filosofia fundamentada no humano, sem negar o que o homem realmente é, pelo contrário, afirmando o ser humano e, a partir disso, construindo novos valores.

Dessa forma, é possível identificar a relação da filosofia dionisíaca com toda a crítica feita por Nietzsche à moral moderna, pois esta negava o próprio ser humano, o que o filósofo quer valorizar na sua proposta de nova moral e nova filosofia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a Dissolução da Moral*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.
- DELEUZE, Gilles. "Mistério de Ariadne segundo Nietzsche". In: *Cadernos Nietzsche* 20. São Paulo: GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de António M. Magalhães. Porto: Rés Editora, s/d.
- FREZATTI JR. Wilson Antonio. "O valor de um caracol' ou 'O nobre nietzschiano: um elogio a Cálicles?'" In: *Cadernos Nietzsche* 21. São Paulo: GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, 2006.
- GIACÓIA Jr., Oswaldo. *Nietzsche & Para além de bem e mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- MARTON, Scarlett. *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo, Discurso Editorial/Editora da UNIJUÍ, 2000.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.